



## **Análise das missões jesuíticas do rio grande do sul nos livros didáticos<sup>1</sup>.**

Tainá Severo Valenzuela\*

**Resumo:** Este trabalho investigou de que forma está sendo abordado o conteúdo da história das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul (ou “7 Povos das Missões”) em alguns livros didáticos produzidos por editoras brasileiras para o Ensino Fundamental II, que circulam no território nacional, publicados entre os anos de 2011 e 2012. As investigações feitas nos permitiram concluir que este conteúdo é bastante desprestigiado em muitas obras, com muitos equívocos em seu contexto e sem valorizar a condição humana nos trâmites históricos, o que entendemos que deva ser primordial na construção das obras de história. Esta análise permite compreender que cabe aos professores estarem sempre atentos aos recursos didáticos que dispõem, de forma que possam adaptar as informações durante sua prática em sala de aula para que a disciplina de história preze pela construção humana do educando e pela sua plena formação.

**Palavras Chave:** Livro didático, Missões Jesuíticas, Rio Grande do Sul.

**Abstract:** This study investigated how the history of the Jesuit Missions in Rio Grande do Sul (or "7 Missionarie People") is being addressed in some textbooks produced by Brazilian publishers for Elementary Education II, that are circulating in the country, published between the years 2011 and 2012. The investigations allowed us to conclude that this content is quite discredited in many works, with many misconceptions in their context and without valuing the human condition in the historical procedures, which we believe that should be paramount in the construction of works of history. This analysis allows us to understand that it is up to teachers to be always attentive to educational resources that their disposal, so they can tailor the information during their practice in the classroom for the discipline of history, looking for self-respecting human construction of the student and their full training.

**Keywords:** Textbook, Jesuit Missions, Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado da autora, sob a orientação do PROF. DR. JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS.

\* Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria.



## **Introdução**

Havia eu entendido, ainda quando morava em Rosário do Sul, minha cidade natal, que a história não andava sendo bem ensinada, ou bem escrita, enfim. Eu não entendia bem o porquê, e nem como isso se dava, mas eu sentia que isso acontecia. Meus espaços de circulação na “história” iam do que eu aprendia no colégio às minhas vivências e buscas enquanto tradicionalista, sendo eu integrante deste Movimento desde 1997. Pude compreender alguns destes anseios depois que comecei a cursar História na Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2006, e me deparei com a existência de correntes teóricas para a história. Entendi, então, que os livros que eu conhecia, estavam me colocando no espedaço metodológico que não fazia sentido pra mim. Diante das minhas vivências é que nasceram as investigações que são apontadas aqui, que comprovam que a história, neste caso, das Missões Jesuíticas que se organizaram no território onde hoje é o Rio Grande do Sul, vem sendo ensinada de forma que consideramos vulgar, ou seja, estática dentro de fatos, datas e escassos personagens. Isso tudo sendo feito com uma história que, como tantas, é rica, cheia de personagens, manifestações culturais e intensas relações sociais entre pessoas de mundos tão diferentes: indígenas americanos e padres europeus.

Nosso objetivo então é demonstrar as investigações que fizemos para comprovar a existência deste ensino “vulgar” da história das Missões na educação básica. Cientes de que o livro didático é um dos recursos utilizados mais intensamente em sala de aula por professores da educação básica no Brasil, e assim, para detectar os possíveis problemas que envolvem o ensino das Missões na educação básica, percorremos os livros didáticos em busca da história Missioneira enquanto “conteúdo”. Neles, encontramos muitos equívocos e a ausência de relações culturais e sociais, o que nos faz compreender que cabe ao professor complexificar as informações que vem embutidas e, tantas vezes, inertes dentro do conteúdo dos livros didáticos.

## **Investigando as missões jesuíticas nos livros didáticos**

Para desenvolvermos esta investigação, escolhemos 6 coleções de livros didáticos que são oferecidas para o Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), de diferentes editoras brasileiras. Nossa metodologia foi a seguinte: buscamos, inicialmente, identificar se elas apresentavam a história das Missões e, mais especificamente, dos 7 Povos que habitaram o



atual Rio Grande do Sul. Após, observamos dentro de qual contexto histórico o conteúdo foi trabalhado e de que forma ele é apresentado, se tem um espaço de destaque ou apenas está sendo citado para a explicação de determinado conteúdo.

Todas as análises/investigações/conclusões feitas, são baseados em nossa proposta de um entendimento crítico, que permita conhecer como fora vivida a experiência missioneira. Entendimento este baseado na ideia de que havia uma reciprocidade entre indígenas e jesuítas e de que o guarani transfere e adapta seu Tekohá<sup>2</sup> para dentro de seu povoado. Tudo inserido no contexto da ocupação da América por parte de Espanha, Coroa que dominou parte do atual território brasileiro e integralmente o atual RS.

Mesmo que os recursos didáticos utilizados agora sejam bem mais aprimorados do que aqueles que eu dispunha quando estava na educação básica, de onde surgiram meus primeiros questionamentos, os problemas ainda persistem. Mesmo que os livros didáticos estejam mais amplos em seus conteúdos, no caso da história das Missões, eles ainda são bem problemáticos na forma como o apresentam.

Entendemos o livro didático tal qual Marisa Lajolo (1996, p.4), quando explica que

Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina.

Mesmo que o artigo de Lajolo date de mais de 15 anos atrás, a definição elaborada por ela é precisa e determinante, além de sua análise acerca da educação brasileira que (infelizmente, transcorridos estes mais de 15 anos) ser muito atual.

### **Coleção “Eu gosto m@is”**

A primeira coleção que vamos observar se chama “Eu gosto m@is”, sob a responsabilidade de Marlene Ordoñez e Lizete M. Machado, editado pela IBEP, São Paulo,

---

<sup>2</sup> O Tekohá dos Guaranis era, de forma resumida, um espaço que englobava as terras onde o grupo vivia, as pequenas moradias, as plantações, os lugares de caça e pesca. Mais informações sobre o assunto podem ser encontradas no escrito de Júlio Ricardo Quevedo dos Santos. Uma explicação clara e didática se encontra em QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.



2012. O primeiro problema detectado, analisando a coleção destinada para o Ensino Fundamental, é que a sequência de conteúdos não se dá conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). O livro didático do 6<sup>a</sup> ano inicia por uma breve introdução sobre o estudo histórico e, no capítulo 2, traz as Grandes Navegações, iniciando pelas Navegações Portuguesas. O livro não traz para o aluno os estudos em Pré-História e nem sobre as primeiras civilizações da humanidade (conteúdos contemplados no livro do 8<sup>o</sup> ano), apenas elementos da história do Brasil dissociados da história mundial. A obra do 6<sup>o</sup> ano se encerra com os conteúdos de Brasil Monárquico e a 7<sup>o</sup> ano percorre os demais momentos da história brasileira, até a atualidade. Um dos poucos pontos positivos da obra é trazer um capítulo apenas para tratar dos povos indígenas que habitaram o atual Brasil.

As Missões Jesuíticas tem um espaço simplório dentro da obra do 6<sup>o</sup> ano. São brevemente citadas, em apenas um parágrafo da página 111 (imagem 1), dentro do capítulo 11, cujo título é “Expansão Territorial”. A conquista e colonização espanhola da América são abordadas no livro do 9<sup>o</sup> ano, onde são tratados apenas conteúdos referentes aos Vice-Reinados, sem fazer nenhuma menção à ação da Companhia de Jesus na América Espanhola.



## A ocupação do Sul

A ocupação do Sul foi marcada por constantes conflitos entre portugueses e espanhóis.

Durante o período da União Ibérica, o comércio e o **contrabando** na região do Rio da Prata tornaram-se intensos. A Buenos Aires chegavam embarcações de São Vicente para vender açúcar, algodão e tabaco. Mercadorias vindas da Inglaterra eram comercializadas ilegalmente com os colonos espanhóis, que faziam os pagamentos com prata.

## As missões jesuíticas

No século XVII, às margens do Rio Uruguai, jesuítas espanhóis organizaram missões e introduziram a criação de gado.

Em busca de mão de obra indígena, muitas dessas missões foram atacadas e destruídas por bandeirantes paulistas. O gado ficou solto e espalhou-se por grande parte do território do atual estado do Rio Grande do Sul.

Em 1687, os jesuítas retornaram, fundaram os Sete Povos das Missões (São Borja, São Nicolau, São Luís Gonzaga, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo) e levaram parte do gado solto para criar.

## Povoamentos portugueses

Interessado em ocupar territórios e restabelecer o comércio na região do Rio da Prata, o governo português, em 1680, mandou fundar, na margem oposta à que se localizava Buenos Aires, um povoado que recebeu o nome de Colônia do Sacramento. Os espanhóis, descontentes com uma colônia portuguesa em seu território, atacavam-na com frequência.

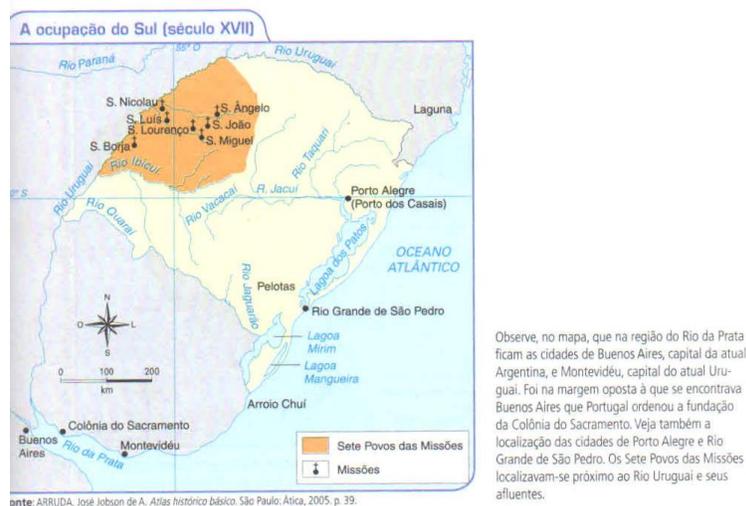


Imagem 1 – Página 111 da obra do 6º ano da coleção “Eu gosto m@is”

*O problema:* Esta obra trata a questão das Missões apenas como um elemento que vinha a interferir na expansão portuguesa dentro da América, não levando em consideração os estudos da América Espanhola, e foca diretamente na existência de um Brasil apenas português. Há ainda uma confusão quanto às fases da experiência missionária, onde o período reducional não é citado, apenas se leva em consideração que houve, por parte dos jesuítas, mais de uma tentativa de organizar os povoados.

Duas páginas após a que consta este parágrafo que cita as Missões, aparece uma lista de Tratados, onde o Tratado de Madrid é citado. A explicação acerca deste é focada apenas na questão da defesa do princípio do *uti possidetis* por Alexandre de Gusmão, não sendo



detalhados os territórios em questão que também foram estimulantes para que o Tratado fosse redigido. É informado ao leitor, então, que os jesuítas foram os que não aceitaram a demarcação territorial imposta pelo tratado e, desta forma, os jesuítas levaram os indígenas à guerra.

A abordagem do conteúdo acerca das Missões é desprestigiada, simplória e se apresenta de forma confusa, com sérias chances de prejudicar o aluno e o professor que dispuserem deste material. Não estimula a criticidade do aluno e nem explora as condições do indígena que habitava as missões (sem contar que deixa entender que estes fossem simploriamente manuseáveis pelos jesuítas). O capítulo que apresenta os povos indígenas do Brasil acaba não se relacionando com o restante da obra, que não valoriza a figura do indígena e não aborda seu contato com o europeu de uma forma mais efetiva e crítica.

### **Coleção História – Sociedade e Cidadania.**

A próxima coleção que será apresentada é assinada por Alfredo Boulos Júnior, e se chama “História – Sociedade e Cidadania”, publicada pela Editora FDT, São Paulo, no ano de 2012. Uma obra já bastante conhecida pelos professores de história, mas com uma versão reformulada, informação esta que se encontra na capa dos livros.

É uma obra bastante atrativa para o público jovem, pois ela se vale de vários recursos de imagens vinculadas ao universo atual do estudante. Nos primeiros momentos do livro, existem algumas definições bastante significativas para o aluno, como tempo, espaço e cultura, abordando principalmente a questão das diferenças entre os povos e sugerindo que o educando consiga se reconhecer culturalmente com o meio em que vive e que possa desenvolver a capacidade de aceitar aqueles que diferem dele. A coleção, vista integralmente, atende a sequência de conteúdos sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No livro do 7º ano, pudemos observar que, após o capítulo que trata dos povos pré-colombianos Maias, Astecas e Incas, se traz um capítulo exclusivo (número 12) que visa tratar do encontro dos indígenas com os portugueses (no território do atual Brasil), chamado de “Os Tupi e os portugueses: encontros e desencontros”. Somente o nome do capítulo já nos mostra que não serão todos os povos indígenas que serão citados na obra. Ainda, logo após a parte introdutória do capítulo, passa-se a falar sobre os “Tupi-Guarani”, sendo Tupis e Guaranis apresentados como um único povo, e não utilizando o termo para especificar o tronco linguístico de povos indígenas.



O capítulo 13 é chamado de “Colonização Espanhola da América” e a ação jesuíta não é citada no capítulo. A ação destes jesuítas é brevemente citada no capítulo 14, “Colonização portuguesa: administração”. Ou seja, é citada apenas a ação dos jesuítas na América Portuguesa, no item que diz “A expansão do catolicismo e a ação missionária”. Mais uma vez, apenas um parágrafo é destinado ao assunto.

No livro do 8º ano, o 2º capítulo se chama “A marcha da colonização na América Portuguesa”. Um dos primeiros itens trabalhados no capítulo é o Tratado de Madrid (página 29), com um mapa que assinala o local dos 7 Povos das Missões. Após, é trabalhada a ação dos bandeirantes e, ao demonstrar as regiões de preferência de ataques, assinalam as Missões Espanholas em um mapa intitulado “As missões jesuíticas no território brasileiro”. Ao sul do atual Brasil, é demarcado o local onde seriam as “Missões Espanholas”. Um parágrafo abaixo do mapa tenta elucidar o que são as Missões, citando-as como um lugar onde os indígenas trabalhavam e eram iniciados no catolicismo.

Quando o capítulo vem falar sobre “as novas fronteiras do Brasil Colonial”, as Missões são citadas dentro da listagem dos Tratados, na ideia de explicar a troca que deveria ser feita em função do Tratado de Madrid. Explica-se que os 7 povos eram aldeamentos dos jesuítas espanhóis com os indígenas guaranis, e que estes não aceitaram as imposições do Tratado de Madrid. Logo após, cita-se que a Guerra Guaranítica foi fruto desta resistência indígena, que, ao durar 17 anos sobre a liderança de Sepé Tiarajú, obriga Portugal e Espanha a fazerem novos acordos (imagem 2).

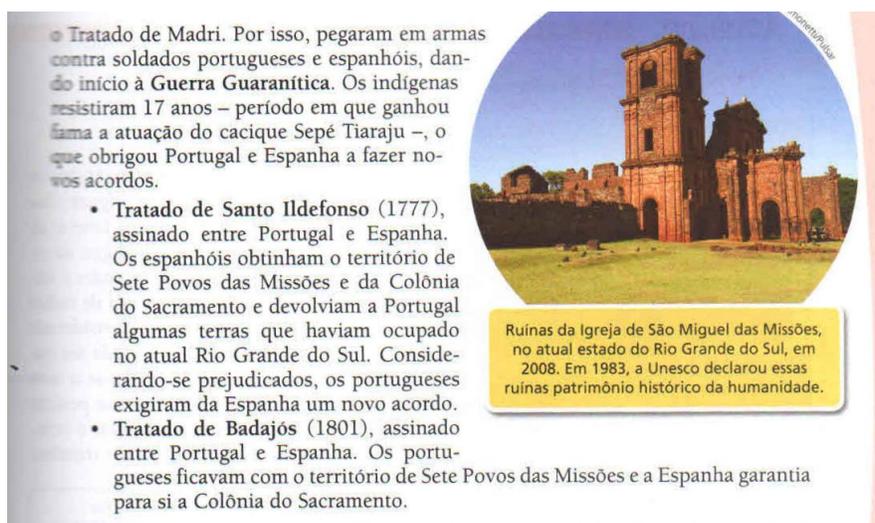


Imagem 2 – Trecho que apresenta a Guerra Guaranítica como um evento de 17 anos.



*O problema:* Segundo a obra de Boulos, a ação dos padres jesuítas aparece, inicialmente, dissociada, no tocante à América Portuguesa e Espanhola. Mesmo que saibamos que as duas coroas atuaram de formas diferentes com a Companhia de Jesus (onde a Coroa Portuguesa atuou, principalmente, através de escolas e a Espanhola com a criação de povoados), ambos fazem parte do mesmo processo: a conquista da América.

Mais uma vez, há um grande embaraço de conteúdos. Vejamos: o primeiro item é referente ao Tratado de Madrid, de 1750, onde se citam os “7 Povos das Missões”. Logo após, o tempo histórico se retrocede e aborda a ação dos bandeirantes, onde um novo mapa demonstra que os bandeirantes atacavam as “Missões Espanholas”. Até o momento, não houve explicações dentro da obra que explicitem que o foram os 7 Povos e nem a ação dos jesuítas. É apenas abaixo do mapa “As Missões Jesuíticas no território brasileiro” que se cita algo sobre estas Missões, onde de forma bastante simplificada comentam sobre atividades desenvolvidas nelas e tratando-as como se fossem homogêneas na América Portuguesa e Espanhola. Ainda, não se cita a questão de que os 7 Povos que aparecem no início do capítulo não são os que estão sendo assinalados no mapa das Missões, pois a ação dos bandeirantes se dá antes da construção dos 7 povos, na fase reducional.

Somente no término do capítulo é que se fala sobre os 7 povos como aldeamentos organizados pelos espanhóis, quando se fala, novamente, sobre o Tratado de Madrid. Assim, se apresenta a Guerra Guaranítica, sem data de início ou fim, sendo citada como um evento que dura 17 anos com a resistência dos indígenas e que, nestes anos, eles foram liderados por Sepé Tiarajú. Sabemos que a Guerra Guaranítica fora um evento entre os anos de 1754 até 1756, e que, Sepé Tiarajú, um dos líderes dos indígenas, viera morrer justamente em 1756, quando a guerra estava se findando. A defasagem do conteúdo sobre a Guerra Guaranítica é um dos itens que mais preocupa. Além de ser tratado de forma totalmente indiferente, com graves equívocos, é abordado como se tivesse sido vantajoso para os indígenas e como se eles tivessem convencido as Coroas Ibéricas a refazerem seus acordos, enquanto entendemos que, após o massacre de guaranis-missionários do qual resultara a Guerra Guaranítica, os interesses na região foram sendo adaptados conforme as conveniências de ambas as coroas.

### **Coleção Radix**

O Projeto Radix – Raiz do Conhecimento, é assinado por Cláudio Vicentino e editado pela Editora Scipione, onde analisamos a versão editada no ano de 2011.



O livro do 6º já apresenta informações pertinentes ao conhecimento relacionado às Missões que deverá ser desenvolvido nos anos seguintes. Após os capítulos que tratam dos estudos em história, da pré-história e da chegada do homem na atual América, a obra já trata dos povos indígenas do Brasil colocando-os em condição de estudo e análise tal quais os povos que habitaram parte da Europa e do Oriente Médio durante os primeiros milênios da história da humanidade. Dentro da unidade são abordados itens referentes ao modo de vida dos povos, às suas diferenciações enquanto grupos étnicos, e a classificação do “tupi-guarani” exatamente como um tronco linguístico. O capítulo ainda problematiza a vida dos indígenas na atualidade. Após as unidades que trabalham com egípcios, mesopotâmicos, fenícios, hebreus e persas, o livro apresenta os povos pré-colombianos, contextualizando-os juntamente com as primeiras civilizações da humanidade. A obra segue com os conteúdos de Grécia, Roma, China e Índia antigas.

A obra direcionada ao 7º ano inicia tratando do feudalismo na Europa e suas transformações, até adentrar no período conhecido por Idade Moderna. O livro segue abordando as questões da conquista da América, inicialmente falando da América Espanhola, onde as Missões não são citadas, e logo após na América Portuguesa, onde o conteúdo é abordado. Apresenta-se então uma caixa de texto explicando o que seriam as Missões Jesuíticas, sem distingui-las entre América Portuguesa e América Espanhola. No texto, os índios são vistos como aqueles que “aprendem” a cultura do colonizador que, por sua vez, “destrói” a cultura do indígena. Ao mesmo tempo, o texto fala que, paradoxalmente, os jesuítas foram responsáveis por salvar parte da cultura indígena, como a linguagem.

No término da unidade, aparece uma questão (imagem 3) que faz um comparativo de imagens, da planta do povoado missionário de São Borja com uma aldeia indígena. A questão indaga o estudante sobre as diferenças nas imagens e se ele saberia dizer a importância das missões na vida dos indígenas.

Depois se chega ao Capítulo de número 13, intitulado “As fronteiras da América Portuguesa”. Nesta unidade, são tratadas as temáticas acerca da ação dos bandeirantes, onde a temática das Missões é novamente mencionada. Em um item chamado de “Algo a mais”, há um texto chamado “As missões jesuíticas”. Nele, se retoma a ideia de sobreposição do jesuíta para com o indígena e o desfecho da história dos 7 Povos, brevemente assinalados, é tido apenas como parte dos acordos entre Portugal e Espanha no século XVIII que vitimaram os indígenas. Um subtítulo chamado “A conquista do Sul” é que irá apresentar a questão missionária de forma um pouco mais aprofundada. São apresentados os Tratados e a questão



do Tropeirismo. A Guerra Guaranítica é finalmente abordada, novamente de forma a tratar o indígena como uma figura subjugada que praticamente foi exposta à violência em função dos padres. Uma foto do Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões é apresentada como um dos poucos espaços que permaneceu em pé após os ocorridos nas Missões.

► **VAMOS TRABALHAR COM IMAGENS**

Castelo

Compare as duas imagens e depois responda às questões.

▲ Plano da missão jesuítica de São Borja. Uma das preocupações dos jesuítas era educar e disciplinar as comunidades indígenas, integrando-as ao plano de colonização. Note como o plano de uma missão (denominada redução) era geometricamente organizado, de acordo com uma hierarquia.

▲ Gravura de Theodore de Bry, de 1592, mostrando o plano de uma aldeia indígena, que se organiza de forma circular privilegiando o centro. Embora esta cena represente uma invasão, o centro da aldeia era o lugar de encontro e celebração, onde se realizavam suas práticas rituais e culturais.

- 1 • Quais são as principais diferenças que você pode notar entre a distribuição espacial de uma aldeia indígena e de um aldeamento jesuíta?
- 2 • Com base na resposta dada à pergunta anterior, você saberia dizer o que as reduções ou missões jesuíticas significaram para o modo de vida dos indígenas?

Imagem 3 – questão elaborada dentro do contexto das missões.

*O problema:* O primeiro contato que o educando tem com o conteúdo das Missões é dentro do módulo que aborda a América Portuguesa, situando o pensamento do aluno neste conteúdo, e alimentando, inicialmente, uma ideia que o espaço que hoje é brasileiro através do RS, fora sempre organizado por Portugal. Ainda, o texto elaborado sobre as missões fala de um paradoxo que, entendemos, fora criado pelo próprio autor do texto. Como poderia o jesuíta ter destruído a cultura indígena e salvo uma parte dela, como a linguagem, ao mesmo tempo? Se esta premissa, de que o jesuíta “salvou” elementos culturais dos indígenas, é válida, a primeira não pode ser verdadeira. A obra limita o entendimento do aluno à ideia de



que o indígena fora subjugado ao viver nas Missões e não deixa clara a ideia que deveria ser desenvolvida quanto a este “paradoxo”.

A questão que se apresenta na sequência da unidade amplia o tumulto com o conteúdo. A planta do povoado de São Borja que é apresentada sequer faz menção à atuação do jesuíta espanhol em terras que hoje são brasileiras. Ainda, a reflexão que a questão sugere não é suportada pelo conteúdo do próprio livro, que não problematiza a questão das Missões, mesmo que tenha abordado, em outros momentos, a questão do indígena.

O momento em que a questão é retomada no final da unidade permite ao aluno compreender melhor o contexto missioneiro, o problema é que a construção feita até o momento anterior à esta passagem não traz os esclarecimentos necessários à questão.

### **Projeto Télaris**

Assinado por Gislaine Azevedo e Reinaldo Seriacopi, o projeto Télaris é uma publicação da Editora Ática, tendo sido observada a edição de 2012 da obra.

Neste trabalho, o conteúdo acerca dos 7 Povos das Missões é apenas utilizado inserido no texto que trabalha a expansão territorial portuguesa dentro do livro do 7º ano, que inicia tratando sobre o mundo árabe e parte para o momento que chamamos de Idade Moderna. O capítulo 8 apresenta como título “Os indígenas e o começo da colonização”, com um conteúdo interessante que observa a realidade dos povos indígenas antes do contato com o europeu e os diversos momentos em que este contato ocorre. Há um item que trata especificamente sobre “O trabalho dos Jesuítas” (imagem 4), onde não se especifica as ações que diferenciam as ações na América Portuguesa e Espanhola. Uma imagem com uma planta da redução de Guairá busca representar as missões, que, segundo o texto, são equivalentes à aldeamentos ou reduções. Não se fazem conclusões quanto à história das Missões e o texto busca ser informativo acerca destas, apesar de pouco preciso e de fazer uma homogeneização quanto aos espaços trabalhados por jesuítas na América. Novamente, as Missões são tratadas como elementos que contribuem para esfacelar a cultura indígena.

No capítulo 11, é então trabalhada a temática “Expansão territorial no Brasil Colônia”. Um dos itens traz “a colonização do norte”, onde um subtítulo apresenta “as missões e a colonização do norte”. Sendo assim, as Missões que foram trabalhadas através da Coroa Portuguesa foram destacadas nesta unidade. No item posterior é que será tratado sobre “Os



Bandeirantes”, onde, ao serem citados os alvos preferidos destes bandeirantes, as Missões são exemplificadas através de Guairá, apenas.



## O trabalho dos jesuítas

**Jesuita:** padre que faz parte da congregação da Igreja católica Companhia de Jesus. Esta congregação foi criada na Europa em 1534 com o principal objetivo de levar o cristianismo a outras regiões do mundo.

Durante a colonização, a Igreja católica tentou de várias formas converter os indígenas ao cristianismo. Esse processo se fortaleceu a partir de 1549, ano em que chegaram os primeiros **jesuítas** à colônia.

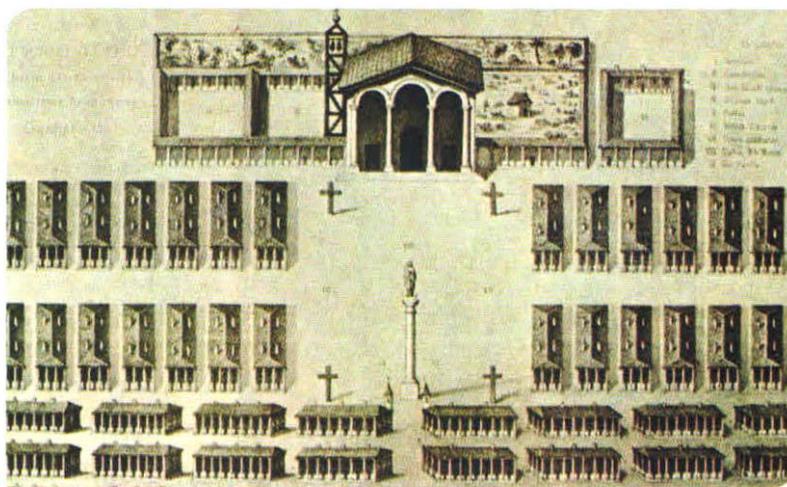
Inicialmente, os jesuítas fizeram o trabalho de evangelização junto às aldeias do litoral, mas depois avançaram em direção ao sertão. Para facilitar o trabalho de conversão, eles chegaram a desenvolver a **língua geral**, uma mistura de português, espanhol e idiomas indígenas.

Em seu trabalho de evangelização, os jesuítas utilizavam vários métodos para atrair os nativos. Como as crianças indígenas gostavam muito de música, eles costumavam entrar nas aldeias cantando para, assim, atrair sua atenção. Ainda encenavam peças de teatro que misturavam aspectos da cultura indígena com valores da religião católica.

No entanto essas pregações exigiam muito esforço dos padres, que tinham de se deslocar de aldeia em aldeia. Diante disso, o padre Manoel da Nóbrega, um dos jesuítas que chegaram em 1549, achou que a conversão teria mais sucesso se os religiosos criassem espaços onde pudessem reunir indígenas de várias aldeias.

Nesses espaços – chamados de **missões jesuíticas**, **aldeamentos** ou **reduções** – os nativos receberiam os ensinamentos da fé cristã e se dedicariam a atividades produtivas, como a agricultura e o artesanato. Os jesuítas, contrários à escravização dos indígenas, alegavam que nas missões os nativos estariam livres da violência dos colonos.

Aparentemente a intenção dos jesuítas ao criar as missões era proteger os nativos. Entretanto, o fato é que essas reduções foram mais um exemplo de desrespeito à cultura indígena, e também contribuíram para o esfacelamento de muitos grupos indígenas. Isso porque os nativos que passavam a viver nas reduções eram submetidos a uma rígida disciplina de horários e a um trabalho sistemático e repetitivo. Essas imposições iam contra seu modo de vida, pois eles estavam acostumados a caçar, a pescar e a executar outros trabalhos no momento em que isso se fazia necessário.



Esquema de uma redução jesuítica em Guairá, no Paraguai, no século XVII. Observe a representação das casas dos indígenas – todas iguais – construídas defronte da igreja.

Imagem 4 – Item “o trabalho dos jesuítas”



*O problema:* A coleção pouco prestigia o conteúdo que se relaciona à existência dos 7 Povos das Missões, onde sequer chega a citá-los. Os momentos em que a história das Missões é citada não traz maiores esclarecimentos sobre os povoados e o desfecho deles. Mais uma vez, o conteúdo aparece dentro do projeto de expansão da América Portuguesa, e não como parte da América Espanhola. As Missões que são citadas são apresentadas como se fossem movimentos homogêneos que se distribuíram ao longo da América.

### **Coleção Para Viver Juntos**

Publicada em 2011, a Coleção Para Viver Juntos é da autoria de Ana Lúcia Lana Nemi e Muryatan Barbosa da SM Editora.

As Missões são trabalhadas junto ao conteúdo do 7º ano, justamente com o conteúdo que engloba a colonização da América Espanhola. Após a especificação dos Vice-Reinados e demais elementos da administração da colônia americana de posse de Espanha (sociedade colonial, impostos, órgãos oficiais), as Missões Jesuíticas aparecem como uma das formas de domínio da América apreendido por parte dos espanhóis. A obra deixa muito clara a ideia de que as Missões eram organizadas por Padres Jesuítas, com o intuito de catequizar os indígenas e que estes estavam a mando de suas Coroas, ou seja, que o mesmo processo ocorreu na América Portuguesa também. Ainda no mesmo item, é exposto que o colonizador impôs valores, crenças e seu idioma sob os nativos, desestruturando e aniquilando grande parte de suas culturas.

Ainda no mesmo capítulo, há o item “A cristianização da América Portuguesa”, onde os jesuítas são novamente apresentados, porém bastante focados na ação ordenada pela Coroa de Portugal. O restante do conteúdo segue sendo trabalhado apenas relacionando as Missões com as Escolas fundadas pelos portugueses principalmente no norte e nordeste do atual Brasil (imagem 5). Os 7 Povos das Missões não são citados dentro desta coleção, nem mesmo em item posterior que trata da expansão das fronteiras da América Portuguesa e do Tratado de Madrid. Este apenas é citado como um acordo que visava delimitar as novas fronteiras da América dividida entre Portugal e Espanha.

*O problema:* Apesar de apresentar o contexto das Missões (mesmo sem citar especificamente os 7 Povos) dentro do contexto que entendemos ser o mais adequado, o da conquista e colonização da América Espanhola, e de esclarecer elementos que são comuns em outras coleções, a obra apresenta, assim como outras tantas, a figura do indígena como



simplesmente submetida à pressão exercida pelo jesuíta. Não há espaço que permita ao aluno complexificar este entendimento e analisar a realidade do indígena que participou do projeto missioneiro. Além disto, os 7 Povos das Missões sequer são citados ao longo do texto. O fatídico Tratado de Madrid é apontado apenas como um documento que selou negociações entre as Coroas Ibéricas. A obra não apresenta um desfecho para a condição do indígena na América, apenas segue o desenvolvimento do conteúdo baseado na premissa de conquista empreendida por Portugal, sem tomar frente às pautas que assinalam o momento histórico em que o território brasileiro fora posse espanhola.

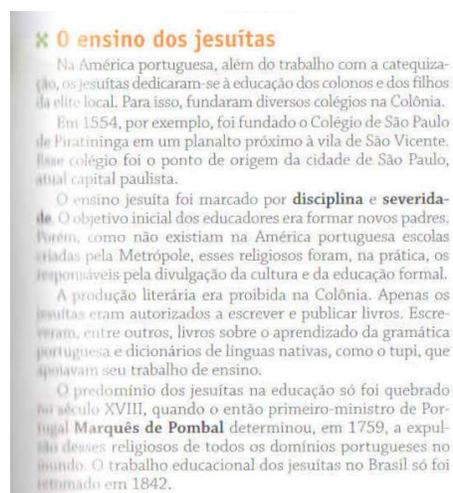


Imagem 47 – Relação das Missões com as Escolas fundadas pelos portugueses principalmente no norte e nordeste do atual Brasil.

## **Coleção Araribá**

A Coleção Araribá, publicada pela Editora Moderna, em 2012, não é assinada por nenhum autor. É uma das coleções que traz os 7 Povos das Missões de forma mais destacada, apesar de trazer alguns conflitos.

As missões jesuíticas são abordadas logo na 1ª unidade do livro do 8º ano. Entre as obras que estudamos, é a que mais trabalha com a questão missioneira. O conteúdo se apresenta dentro do capítulo intitulado “A expansão da América Portuguesa”, onde o primeiro item desta unidade se chama “As Missões Jesuíticas”. O texto discorre acerca da fundação da Companhia de Jesus e fala sobre a ação dos Jesuítas em Portugal e na América Portuguesa,



focando na questão em que a educação era um dos principais recursos dos quais dispunham os Padres na América Portuguesa.

Na sequência, o texto segue discorrendo sobre as Missões que se estabeleceram na América Portuguesa. O texto descreve a função dos padres, de catequização dos indígenas, cita que a maior redução fundada foi a de Guairá e apresenta uma foto do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo.

Após, é apresentado um infográfico (imagem 6) bastante interessante que mostra como se organizava um povoado missioneiro, mais especificamente o de São Miguel Arcanjo, mostrando a distribuição espacial, os principais cultivos, as atividades dentro do povoado, a questão da musicalidade e o modo de vida dos padres.

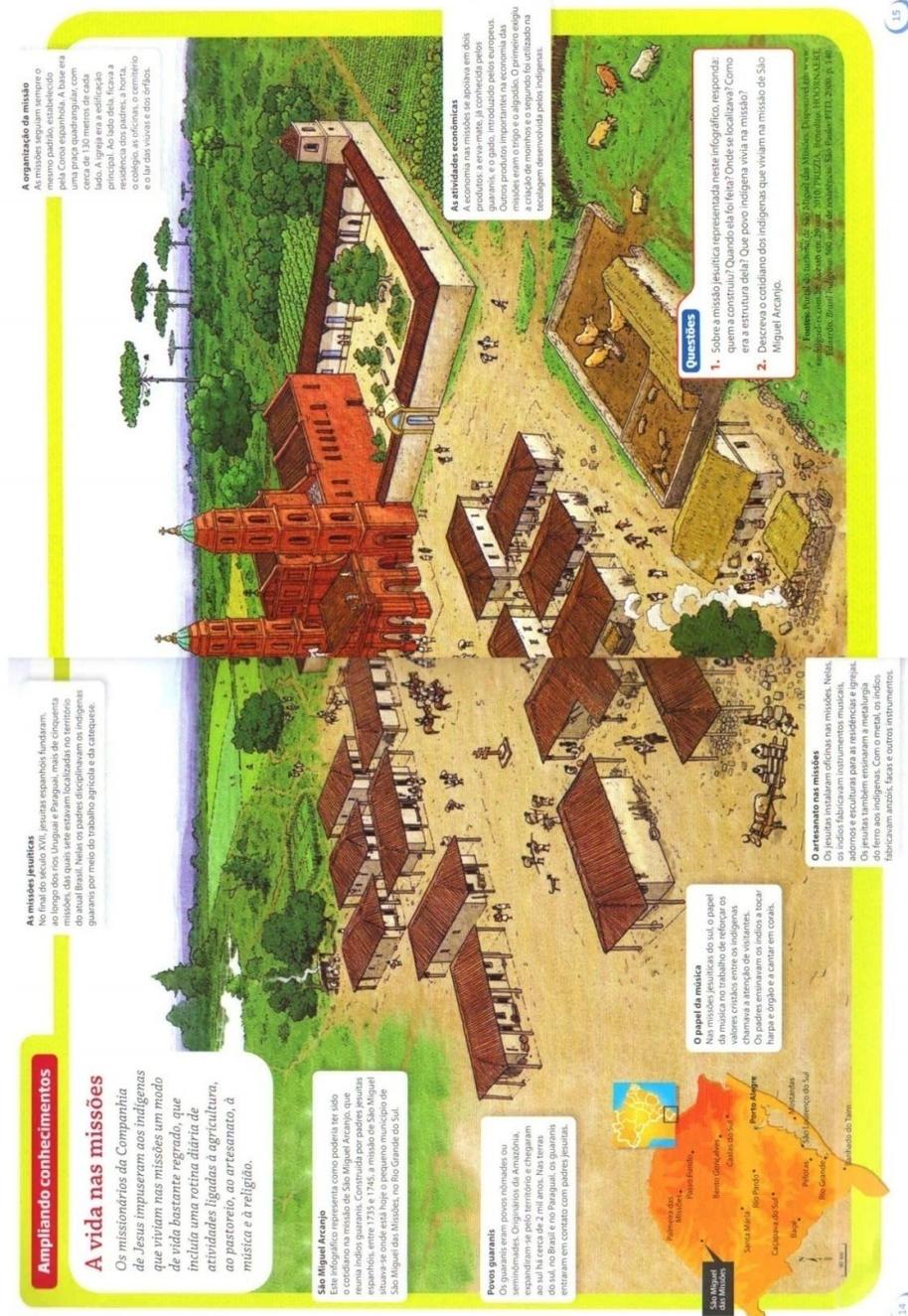


Imagem 6 – Infográfico sobre as Missões Jesuíticas<sup>3</sup>

A unidade continua abordando “a conquista do sertão”, a ação dos bandeirantes que capturavam indígenas para serem escravizados nas lavouras paulistas. Um mapa demonstra

<sup>3</sup> Em função do infográfico se dividir em duas páginas sequenciais no livro, registramos que a parte central da imagem ficou um pouco comprometida em função da dificuldade de scaneamento do livro com as páginas abertas.



que as principais áreas de busca por nativos era no norte do atual Brasil e no Sul. Apenas neste momento é diferenciada a ação das Coroas, onde as cruzes em vermelho no mapa tem como legenda “Missões Portuguesas”, enquanto as em verde dizem “Missões Espanholas”.

*O problema:* Vale, inicialmente, destacar que o fato de a coleção Araribá apresentar um esquema que mostra como era a vida nas Missões já valoriza bastante o conteúdo que, como notamos, passa muito desvalorizado em outras coleções. O infográfico que mostra a Missão de São Miguel Arcanjo é excelente, educativa, prática e interessante. O problema reside na situação de que o conteúdo está dentro do item que se refere à América Portuguesa. Quando se fala sobre a grande missão de Guairá, a foto que se segue é de São Miguel, o que induz o aluno a entender que a Missão de Guairá é da foto e elas fazem parte da América Portuguesa. Mesmo que haja uma legenda na foto, ela tem espaço de pouco destaque na obra e não cita a atuação da Coroa Espanhola em Missões como a de São Miguel.

O problema da Coleção Araribá se dá diante da situação que não é especificada a ação da Coroa Espanhola na construção das Missões. O aluno compreende facilmente que todo o conteúdo desenvolvido na unidade se dá diante da ação da Coroa Portuguesa. Ou seja, há um erro grave na compreensão do conteúdo aqui. Ainda, após a abordagem sobre a Companhia de Jesus, sobre as Missões e da apresentação do infográfico, será apresentada a ação dos bandeirantes, onde se demonstra o interesse dos bandeirantes nas reduções do sul. A questão é que a ação dos bandeirantes se dá na primeira fase de atuação dos padres jesuítas, na primeira fase das reduções do Tape. A sequência do texto dá a entender que o povoado de São Miguel foi destruído pela ação dos bandeirantes, sendo que, quando esta se deu, o povoado de São Miguel ainda nem havia sido fundado (sequer havia tido a fundação de São Borja, o primeiro dos 7 Povos). A guerra guaraníca não é trabalhada na Coleção Araribá.

Sendo assim, apesar do destaque à ação dos jesuítas e às Missões e do infográfico valioso acerca da vida em São Miguel Arcanjo, a obra confunde informações importantes acerca da história das Missões e omite questões muito relevantes para a historiografia.

## **CONCLUSÃO**

Após a análise destes livros didáticos, ficou claro que as Missões Jesuíticas não são incorporadas no conteúdo de história como parte da trajetória da história brasileira, na condição de que o Brasil tal qual o formato que se conhece hoje, teve grande parte do seu território sobre o domínio espanhol. As Missões geralmente vêm inseridas dentro do conteúdo



que fala sobre a “expansão da América Portuguesa”, como se as Missões fossem um “entrave” para a expansão portuguesa na América, e não como um elemento formador de parte do país. Algumas obras parecem demonstrar certa fragilidade por não saberem alocar o conteúdo em um espaço adequado, sendo, no nosso entendimento, parte do conteúdo de América Espanhola ou até mesmo dentro de história do Brasil, no caso das obras que fazem esta divisão. Pelas obras analisadas, pudemos concluir que não há consenso nem quanto ao ano em que se deve ser trabalhado o conteúdo, e nem dentro de qual conteúdo deve ser trabalhado.

Ainda, notamos que o assunto é, comumente, tratado de forma secundária, chegando a apresentar grandes equívocos. Pudemos ver não ser prioridade dos autores dos livros didáticos que investigamos tratar de questões referentes às Missões Jesuíticas. Parece-nos, até mesmo, que muitos autores não dominam este “conteúdo”, ao ponto de não conseguirem sequer o situar no tempo (como os casos em que vimos onde as Missões aparecem antecedendo o conteúdo que trata da ação dos bandeirantes ou o caso da Guerra Guaranítica como um evento de 17 anos de duração). Nossas investigações nos livros didáticos nos mostraram que muitos autores desconhecem ou não priorizam a história das Missões, e raríssimos momentos colocam em questão a situação humana tanto dos indígenas quanto dos padres jesuítas.

Sendo assim, percebemos o quão importante é a função do professor dentro deste e de qualquer outro conteúdo que seja abordado em sala de aula através dos livros didáticos. Em função de sua formação, o professor tem condições de criticar as obras de cunho didático de forma a deixá-las mais coerentes, incitando o aluno a um entendimento crítico e posicionando a figura humana dentro da história.

## **REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AZEVEDO, Gislaine. SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Têlaris**. São Paulo; Editora Ática, 2012.

BRUM, Ceres Karan. **“Esta terra tem dono.” Representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2006.

COLEÇÃO ARARIBÁ. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo. In Memorial do Rio Grande do Sul – Caderno de História nº 21. Disponível em <[www.memorial.rs.gov.br\\_cadernos\\_missoes.pdf](http://www.memorial.rs.gov.br_cadernos_missoes.pdf)> Acesso em 23 jan. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.



- GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e seus fundamentos. In **Historiografia Rio-Grandense**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 1992.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HUNT, Lynn (org.). In. **A Nova História Cultural**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.
- JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História – Sociedade e Cidadania**. São Paulo: Editora FDT, 2012.
- LAJOLO, Marisa. **LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual do usuário**. Brasília, 1996. Disponível em <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>> Acesso em 10 jul. 2013.
- LIBÂNEO, José C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In LIBÂNEO, José C. **Democratização na escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura. In PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.
- NEMI, Ana Lúcia Lana. BARBOSA. Muryatan. **Coleção Para Viver Juntos**. São Paulo: Editora SM, 2011.
- NEUMANN, Eduardo Santos. Vale o escrito – Os Guaranis se manifestaram contra a demarcação de limires na América do Sul usando cartas e bilhetes como armas. In **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2012.
- ORDOÑEZ, Marlene. MACHADO, Lizete. **Eu gosto m@is**. São Paulo: IBEP, 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Invenção da Sociedade Gaúcha**. Porto Alegre, RS: Ensaios FEE, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. SANTOS, Nádia Maria Weber. ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais – Discursos em História Cultural**. Porto Alegre: Ed. Asterisco, 2008.
- POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo. História da Produção de uma Identidade Regional**. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro Editor, 2009.
- QUEVEDO, Júlio. A regulamentação do trabalho indígena nas Missões Jesuíticas. In **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 1, nº 3. Março de 2012. p.24-44.
- QUEVEDO, Júlio. As origens missioneiras de Santa Maria. In WEBER, Beatriz. RIBEIRO, José Iran. (Orgs). **Nova História de Santa Maria. Contribuições Recentes**. Santa Maria, RS: Ed. Palotti, 2010.
- QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.
- VICENTINO, Cláudio. Projeto Radix – Raiz do Conhecimento. São Paulo: Editora Scipione, 2011.



ZIENTARA. Beditk. Fronteira. In **Enciclopédia Einaudi**, vol. 14, Estado-Guerra. Lisboa: IN – Casa da Moeda, 1989, PP 306-317.

*Recebido em Julho de 2013*  
*Aprovado em Agosto de 2013*